

A ÓPERA NÃO TEM COR

BRENO ALVES RIBEIRO¹;
JAQUELINE KRUMREICH BARTZ²; MAGALI LETÍCIA SPIAZZI RICHTER³

¹UFPel - CA 1 – cefetbreno@hotmail.com 1

² UFPel - CA – jaquebartz@gmail.com

³UFPel - CA – magalirichter@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A ópera nasceu na Itália, no século XVII, como forma de teatro musical, sendo uma espécie de diálogo falado/declamado com o acompanhamento de orquestra. Ao longo de sua história, essa arte foi adquirindo características da sociedade na qual estava inserida e, apesar dos diferentes períodos e países, ainda é considerada uma cultura ocidental europeia, reforçada por suas três grandes escolas: a alemã, a italiana e a francesa. Entretanto, ainda hoje é difícil perceber a presença de cantores negros nesse cenário, os quais se destacam, fazendo carreira internacional e reconhecida. Nessa perspectiva, o Projeto Ópera na Escola tem papel fundamental na formação profissional e pessoal dos alunos autodeclarados negros ou pardos do curso de Música da UFPel. Através de entrevistas, esses estudantes relataram seu desapontamento pelo baixo número de representantes em tal meio musical, havendo, assim, o sentimento de discriminação social. Enquanto artistas, temem pelo futuro incerto após o término da graduação.

. Segundo dados estatísticos apresentados pelo IBGE através de uma reportagem do Jornal Diário Popular, Pelotas merece o título de “cidade negra”. É estimado que essa comunidade totalize 51.567 pessoas, em que a maioria vive nas regiões periféricas da cidade, considerados absolutamente negros ou pardos, sendo assim a cidade do interior com a maior estatística negra. Tal população representa um número relevante de membros, que ainda hoje luta contra o preconceito e privações impostas pela sociedade. Com a exceção de alguns, que mesmo diante dos desafios, conseguem se destacar desses índices de exclusão, e consequentemente conquistando a ascensão para a universidade. Como o Projeto Ópera na Escola ajuda nesse processo de inserção?

Ao longo desses 11 anos de existência, o Projeto Ópera na Escola, tem proporcionado a inclusão desse gênero musical, considerado elitista, nas escolas da rede pública infantil de Pelotas. Para as crianças, enquanto sujeitos capazes de receber conhecimento, o Projeto se torna um veículo de formação de opinião, pois são montados recitais lúdicos, com repertório pensado de forma que elas possam compreender a história que está sendo cantada. Os espetáculos apresentam elementos musicais de um gênero ainda desconhecido por elas. Nesse momento a preocupação é fazer a adaptação para o universo infantil. Para os alunos da graduação em música, muitos deles advindos da periferia da cidade, é uma oportunidade ímpar para colocar em prática todo o trabalho construído em sala de aula. Através de entrevista feita com a diretora de uma das escolas, que nos assistiu recentemente, foi indagado de que forma o recital surpreendeu a

plateia, a resposta foi “*Desmistificação*.” A referida diretora comentou que, o repertório operístico adaptado para o imaginário infantil, tornou o espetáculo de fácil entendimento para as crianças. Ela relatou ainda, que provavelmente pela primeira vez, aquelas crianças entenderam que as letras das músicas contam uma história. Segundo a diretora, elas estão acostumadas ao ouvir músicas de caráter, inclusive, depreciativo, sem refletir sobre texto cantado. Levando em consideração estes fatos apresentados, o foco deste trabalho é expor a relevância social do Projeto Ópera na Escola, tanto para os alunos do curso de Bacharelado em Música da UFPel, quanto para os espectadores da comunidade escolar.

2. METODOLOGIA

Os dados aqui apresentados foram obtidos por intermédio de leitura bibliográfica, entrevistas com professores e alunos que assistiram aos recitais do Ópera na Escola. Assim também, como entrevista com alunos do Curso de Música, autodelcarados negros ou pardos. Através de discussões com a coordenadora e bolsistas do Projeto, foi possível nortear a pesquisa e, consequentemente, questionar o tema “Conhecimento, sociedade e diversidade” e de que forma podemos contribuir para a sociedade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Permanecendo ativo por 11 anos, o Projeto Ópera na Escola atingiu um status de maturidade, por conseguir alcançar as metas e expectativas, por meio das atividades desenvolvidas. A admiração imediata durante os recitais, por um gênero musical completamente diferente do que estão acostumados no seu quotidiano, somando-se às experiências pessoais, sustentam a necessidade de fomentar mais projetos como este.

Elementos como musicalização infantil, inclusão social, multidisciplinaridade cultural e linguística são alguns dos objetivos alcançados. Para os alunos do Curso de Música/Bacharelado em Canto, é sempre uma oportunidade para se aprefeioarem e sentirem-se inclusos no meio artístico profissional, ainda que seja uma atividade acadêmica. O Projeto oferece um encontro musical em que todos são incorporados e influenciados de forma igual e direta. A música congrega elementos que nos permitem confraternizar e conviver com pessoas de diferentes etnias e poder aquisitivo. Dessarte, o Ópera na Escola trouxe uma proposta diferente, onde tudo se torna vivo e acessível na vida daquelas crianças.

4. CONCLUSÕES

Mediante entrevistas feitas com a comunidade acadêmica, que nos apoia enquanto colaboradores, e com espectadores que nos assistem, concluímos que o Projeto Ópera na Escola tornou-se um formador de opinião. O Projeto oportuniza apreciar um espetáculo musical que oferece vários elementos artísticos, capazes de gerar e instigar à busca do conhecimento.

Claude Lévi-Strauss afirma que o etnocentrismo é comum em todas as culturas. Sua crítica é fundamentada nos princípios do evolucionismo, o autor questiona o etnocentrismo, sendo este um produto da forma como a cultura

ocidental se enxerga como epicentro do desenvolvimento humano. A diversidade de gêneros deve ser aceita e valorizada, dessa forma, João Francisco P. Cabral conclui que "...a diversidade sempre irá existir e não há porque considerá-la uma anomalia. O que se torna necessário é vermos a diversidade como necessária e única possibilidade para a construção de uma história cumulativa."

A maioria das óperas se passa em ambientes europeus, onde os personagens têm características físicas que remetem a essa geografia, porém, em momento algum deve ser restringido somente a um povo que partilha as mesmas histórias e semelhanças. O ser humano enquanto sujeito é capaz de adquirir conhecimento, transformar o meio em que vive independente de sua etnia. Concernente com este argumento, vale a pena exemplificar a situação vivenciada pelo tenor brasileiro Jean William, que em entrevista para a BBC diz ter sido desencorajado por seu professor a estudar ópera quando ainda era jovem, para ele seria uma tarefa árdua por não haver "príncipes negros". Anos depois tornou-se bolsista na Itália, estreou uma ópera dinamarquesa, que para sua admiração, o compositor da peça afirmara que "a música não tem cor." De mérito cabe exemplificar, também, uma circunstância experimentada pelo barítono brasileiro David Marcondes, que quando indagado, em entrevista para a revista eletrônica Glamura, se era o primeiro solista negro do Municipal, declarou que: "O primeiro não, mas o único premiado internacionalmente. Aqui o negro tem a imagem atrelada ao samba, ao pagode... Quando falo que sou cantor de ópera, ninguém acredita. Quando fiz o teste para a trilha de Terra Nostra [ele gravou a canção "Non ti scordadime"], entrei na sala e as pessoas se assustaram. Eu falei: "Podem ficar tranquilos que eu sei cantar ópera". Ainda questionado sobre qual sua opinião por não termos tantos cantores líricos no Brasil, responde: "É uma carreira muito difícil no Brasil. É caro, há muito pouco incentivo do governo, as crianças não têm contato, já que não têm aula de música nas escolas..."

É necessário compreender e defender que todos têm direito à cultura, que o acesso às casas de espetáculos, tanto para os espectadores, quanto para artistas, não deve ser encurtado por dogmas alimentados e lançados à deriva no transcorrer dos séculos. O Projeto Ópera na Escola está bem alicerçado em fundamentos musicais e sociais, que juntos, quando colocados em prática, são capazes de levar conhecimento à sociedade e de forma ética, respeitar a diversidade do público que nos assiste, assim também, como aos que nos apoiam enquanto colaboradores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

STRAUSS, C.L. RAÇA E HISTÓRIA. França: Unesco Paris, 1952. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/965742/mod_resource/content/1/Ra%C3%A7a-e-Hist%C3%B3ria-L%C3%A9vi-Strauss.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2016.

Documentos eletrônicos

Cidade: Pelotas tem maior população negra do interior. Diário Popular, Pelotas, 19 mar. 2006. Acessado em 13 de jul. 2016. Online. Disponível em: http://srv-net.diariopopular.com.br/19_11_06/p0701.html

BBC BRASIL. Tenor é desencorajado a cantar ópera por não haver 'príncipes negros'. BBC BRASIL. 20 nov. 2013. Acessado em 13 de jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131118_jean_william_racismo_musica_mm

UOL. Tem barítono brasileiro de malas prontas para a Europa. Vem saber!. Glamura, 26 nov. 2013. Acessado em 13 de jul. 2016. Online. Disponível em: <http://gla.mu/cfp7>

CABRAL, João Francisco Pereira. A diversidade cultural em Lévi-Strauss. Brasil Escola. Acessado em 13 de jul. 2016. Online Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/a-diversidade-cultural-levi-schwarz.htm>